



O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA

Sérgio da Cunha Falcão*

CURY, Augusto. *O homem mais inteligente da história*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017. 224p.

A obra tem como tema central o estudo da mente do homem Jesus Cristo. Narra a aventura de um médico psiquiatra pesquisador e ateu, chamado Marco Polo, que aceita o desafio de analisar o comportamento de Jesus, a partir da perspectiva da ciência, mas não da religião. A ação acontece ao longo de vários debates públicos com três cientistas: o protestante, doutor em teologia por Harvard, Thomas Hilton; o psicólogo e renomado teólogo do Vaticano, Alberto Mullen; e o médico ateu, doutor em neurociências, Michael Herman, que mora em Jerusalém – cidade sede do que viria a ser o maior encontro mundial sobre a mente do homem mais inteligente da história. Como moderadora, foi escolhida a Dra. Sofia, médica psiquiatra, filha de oncologistas; pai católico e mãe protestante. Assim, em meio a um contexto contemporâneo de ceticismo, vaidade científica, fome emocional e terrorismo, profícuas discussões ocorrem e a vida de cada um dos personagens e de milhares de pessoas no mundo vai ser transformada, a partir da gestão da emoção e reinvenção

* Doutorando em Ciências da Religião da UNICAP. Graduando em Teologia pela FTSA. Mestre em Saúde Pública pela UEPB. Médico Cirurgião Plástico e Cirurgião Geral pela UNIFESP. Professor do Departamento de Cirurgia da UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2729083663978345>. E-mail: falcaocirplastic@oi.com.br.

de suas histórias de vida. Augusto Jorge Cury nasceu em 1958, é médico atuante nas áreas de psiquiatria e psicoterapia há mais de 30 anos, “com mais de 20 mil atendimentos” (CURY, 2017, p. 7), com PhD (*Doctor of Business Administration*) pela *Florida Christian University*. É autor da Teoria da Inteligência Multifocal, tema de sua primeira obra literária (1999). Escreveu mais de 43 livros, que foram publicados em mais de 60 países. Seu livro *O vendedor de sonhos* foi premiado como uma das principais obras internacionais na China e, da mesma forma que as obras *O futuro da humanidade* e *Petrus Logus*, está sendo adaptada para as telas do cinema pela Warner/Fox. A maioria dos seus livros envolvem teses psicológicas, psiquiátricas, sociológicas e filosóficas. O livro aqui resenhado é o primeiro de uma obra intitulada *O homem mais inteligente da história*, que se constituirá de vários volumes e objetiva registrar uma pesquisa de 15 anos sobre a mente de Jesus. As 224 páginas são divididas em 31 capítulos. O protagonista Marco Polo é um psiquiatra preocupado com o descontrole emocional da humanidade, mas, extremamente cético e preconceituoso com a religião. Com a intenção inicial de estudar Jesus, vê-se na necessidade de investigar também as características psicossociais do evangelista Lucas, do apóstolo Paulo, de João Batista, de Maria (mãe de Jesus) e dos discípulos cristãos. A narrativa ocorre intercalando três épocas: um período entre 2012 e 2016, quando ocorrem os diálogos científicos em Jerusalém; um ano antes do período citado, quando Marco Polo, sua esposa psicóloga e seu filho Lucas passam por tribulações; e dois mil anos antes, quando Jesus esteve na Terra. Pouco a pouco, cada membro debatedor vai se sentindo à vontade e enfrenta com o público seus fantasmas e erros emocionais. A obra termina com o início de um estudo sobre o sermão do monte. O romance começa narrando que, durante uma reunião de emergência da ONU sobre o aumento da violência no mundo, Marco Polo expõe a tese de que está ocorrendo uma explosão de transtornos psíquicos e sociais e afirma que nenhum grande homem da história, e nem mesmo ele, é exemplo de controle saudável da emoção. Pouco tempo depois, seu filho Lucas começa a usar drogas na escola, sendo depois preso em Miami. E, sua esposa Anna adoece e morre inesperadamente. O pai de Anna, o milionário e autoritário Dr. Amadeus culpa Marco Polo pela morte de sua filha e, irresponsavelmente, dá um cartão de crédito sem limites para Lucas, o qual sofre duas



overdoses e, cerca de 11 meses depois da morte da mãe, é internado em uma clínica de recuperação.

Como consultor da ONU, Marco Polo viaja para Jerusalém, apresenta uma palestra na qual propõe um programa preventivo de educação para gestão pessoal da emoção e afirma que nenhum dos grandes pensadores da história foram bons gestores: Einstein, depressivo, internou um dos filhos em um manicômio e nunca o visitou; Franz Kafka era pessimista; Van Gogh, hipersensível; Nietzsche, mórbido; Schopenhauer, perspicaz, mas angustiado; Freud banuiu da psicanálise os que contrariaram suas ideias; Gandhi foi um pacifista, mas não conseguiu evitar que seu filho fosse um alcoólatra; Sócrates foi um mestre na arte de questionar, mas não questionou outras alternativas à cicuta (CURY, 2017, pp. 16, 34). Após expor essas conclusões, o pesquisador é perguntado se Jesus era um modelo de gestor da emoção e, depois de uma tensa discussão, decide que irá estudar a mente de Jesus.

Ainda confuso quanto a partir de que base de dados iniciaria sua pesquisa, Marco Polo vai participar de um evento sobre os manuscritos do Mar Morto e é convidado a compor uma mesa-redonda, na qual estudariam a mente do Jesus histórico tendo como fonte de dados o Evangelho de Lucas, a partir de lentes interpretativas da psicologia, sociologia, psiquiatria e psicopedagogia. Além disso, como conhecedor do risco de toda interpretação contaminar uma observação/pesquisa, Marco Polo assumiu o compromisso de evitar contagiar seu olhar com seu ateísmo, sua personalidade, seu estado emocional e motivacional. Assim, como objetivos específicos, seriam analisadas 10 habilidades:

1. Habilidades de gestão da emoção;
2. Capacidade de filtrar estímulos estressantes;
3. Competência para debelar focos de tensão e se reinventar no caos;
4. Capacidade para libertar seu imaginário e desenvolver a criatividade;
5. Resiliência e limiar para suportar frustrações;
6. Prazer sustentável e capacidade de contemplar o belo;
7. Capacidade de pensar antes de reagir e autocontrole;
8. Capacidade de ser empático e de construir pontes interpessoais;
9. Habilidade de formar pensadores e mentes brilhantes;



10. Capacidade de ser autor da própria história e consciência crítica. (CURY, 2017, pp. 51-52)

Antes mesmo de começar a primeira mesa-redonda, Marco Polo sofre dois atentados, mas não acredita que o alvo era realmente ele.

Depois de horas de estudo, Marco Polo dorme e sonha com o encontro do apóstolo Paulo com um cético médico chamado Lucas. Este, após curar o oficial romano Teófilo Lúcio Extilo, aceita escrever para ele um relato sobre a vida de Jesus. Começa assim uma pesquisa histórica minuciosa, por meio de observações de locais por onde o mestre galileu passou, entrevistas e inventários psicossociais de pessoas e fatos, incluindo o depoimento oral da pessoa que esteve mais próxima do crucificado _ Maria, mãe de Jesus.

Na primeira mesa-redonda, eles discutem como Saulo, um homem com traços de sociopatia, melhorou sua personalidade, “É como se sua mente tivesse passado por uma revolução altruística capaz de implodir seu egocentrismo” (CURY, 2017, p. 64). Após essa reflexão, Sofia descreve o sofrimento que teve quando era casada com um homem com um grave transtorno de personalidade, que culminou com o parto prematuro e morte do seu filho de sete meses, após uma discussão.

Nos capítulos 11, 12, 13, 14 e 15 da obra de Cury, os debatedores analisam Maria, mãe de Jesus e ficam perplexos com as características dela: coragem e ousadia extremas; sofisticada capacidade de reflexão crítica e política; surpreendente raciocínio sintético; humildade e autoestima extraordinárias. Ao longo desses debates, Sofia e Marco Polo sonham com a história de Maria, e ocorre um incêndio no hotel em que estavam hospedados. Eles são salvos porque Marco Polo é acordado por uma misteriosa rajada de vento que faz bater a janela do seu quarto.

Sensibilizados, Michael e Thomas resolvem abrir o cofre da mente e confessam o quanto, mesmo diante de sucessos, apresentam autoestima baixa e são orgulhosos, assumindo o papel de super-heróis solitários, sem ninguém com quem se abrir. Também sensibilizou Sofia, que sonha agora com a infância do menino Jesus, que matava a fome de pão e de alegria de pessoas vulneráveis, como idosos e leprosos.

No capítulo 18, João Batista é apresentado como a equipe de marketing [ético] de Jesus. E, paradoxalmente, era um homem que criticava as lideranças da época, e teve a honra de realizar o batismo do Messias que anunciava.

Nos capítulos 19, 20, 21 e 22, após ser batizado, Jesus passou por quatro testes de estresse: 40 dias de jejum, mas sem permitir que o instinto animal prevalecesse sobre o racional; segundo e terceiro testes de tentação de poder político e religioso, no qual ele responde: “Vim de muito longe à procura do coração humano, não do trono político” (2017, p. 157). O quarto teste foi a humilhação social que Jesus passou ao ser vaiado em sua própria comunidade de Nazaré.

No capítulo 25, o autor relata como Jesus escolheu pessoas com visíveis transtornos de personalidade para serem seus apóstolos, sendo que Judas aparentava ser o mais equilibrado; entretanto, Judas tinha uma falha gravíssima: ele não era transparente. Os outros “tinham sede de se transformar, de superar seus limites e reescrever sua história” (CURY, 2017, p. 179).

A última mesa-redonda levou Marco Polo a refletir sobre sua relação com seu filho Lucas. Por isso, telefona e abre seu coração confessando que Lucas é o maior tesouro do mundo para ele, que é um privilegiado em ter Lucas como filho. Por sua vez, Michael, sofre uma terrível tentativa de homicídio em sua casa e passa a ser um marido, pai e professor repleto de amabilidade.

Como desconfiavam, todos os debatedores da mesa-redonda estavam sofrendo pressões para pararem. Eles conversavam sobre isso e atrasaram a abertura da sala de reuniões em 15 minutos. Quando abriram a porta, uma bomba explodiu embaixo da mesa de reunião, o que fez com que decidissem realizar as discussões científicas ao ar livre, em lugares onde Jesus falou e agiu.

No último capítulo do romance, ocorre o início de um debate sobre o sermão da montanha, interpretado como o mais fascinante tratado sobre a felicidade. Não adianta haver felicidade exterior se interiormente o Eu não for líder de si mesmo. As teses de Jesus não tratam da “felicidade ‘autoajuda’, religiosa, romântica ou poética, mas da felicidade inteligente” (CURY, 2017, p. 220). O aumento da violência vem ocorrendo no mundo, seja por motivo de guerras ou ataques terroristas, seja devido a aumento do vício e tráfico de drogas, com assaltos e homicídios, como acontece



atualmente no Brasil. Além disso, o consumismo sem limites e a ditadura da beleza vem mostrando suas garras. No nosso país, para agravar mais ainda, a corrupção reina como mal comum. Correlacionados (ou não) a esses desequilíbrios, os transtornos psíquicos, como a depressão e o suicídio, estão em expansão nas sociedades modernas; acometendo pobres e ricos.

Contra tudo isso, Augusto Cury traz no presente livro a tese de que uma das melhores formas de combate dessas anormalidades é a prevenção psicológica da má gestão das emoções. Ele defende que, assim como a medicina biológica investe muito na prevenção de doenças físicas (vacinas, etc.), a “medicina psicológica” não deve apenas investir em medidas curativas (psicofármacos), mas deve desenvolver programas de prevenção de distúrbios mentais em ambientes de educação coletiva, como escolas e universidades. Para tanto, o autor ilustra sua tese mostrando como modelo exemplar e único de perfeito gestor das emoções o homem Jesus Cristo. E, para mostrar que é possível ao ser humano normal ser transformado e imitar em parte a gestão da emoção desse Mestre, Cury narra as mudanças de comportamento que ocorreram em personagens bíblicos que conviveram com Jesus e em debatedores e pessoas da plateia. Por mais que o autor tente nos levar a pensar que essas mudanças sejam de origem psico e/ou sociogênica, fica no ar o mistério da possibilidade de o leitor usar uma interpretação teológica/espiritual e crer que ocorreram metanoias pela ação do Jesus divino.

Essa intenção do autor de expor que é possível para o ser humano o desenvolvimento de uma “felicidade inteligente”, repleta de altruísmo, compaixão, empatia e alteridade, é extremamente importante. E, se completa quando utiliza como referencial maior o homem mais inteligente da história, que traz esperança de perdão e bom ânimo em meio às aflições da finitude humana.

Sendo o autor um médico que atua nas áreas de psiquiatria e psicoterapia, bem como um grande estudioso da psicologia, senti falta nesse livro de comentários ou comparações de sua tese com as teorias desenvolvidas por referenciais teóricos dessas áreas, como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e, principalmente, Viktor Emil Frankl. Entendo que, à luz da psicologia (da religião), o “Eu como líder de si mesmo”, idealizado por Augusto Cury, parece em parte com o “eu (espiritual) que decide” ou



essencial “vontade de sentido”, de Viktor Frankl, que pode criar uma liberdade de decisão responsável, geradora de “sentidos” ou de “O Sentido” na vida.

No prefácio do livro e em outras páginas, o autor ora afirma que estudou a mente de Jesus sob critérios psicológicos, psiquiátricos, psicopedagógicos e sociológicos, ora registra que fez esse estudo com base nas ciências humanas. Entendo que seria melhor que o autor utilizasse a primeira opção, como o faz no segundo parágrafo do prefácio. Pois, as ciências humanas representam uma grande área do conhecimento que inclui não somente a psicologia, a sociologia e a educação, mas também as áreas de filosofia, história, geografia, ciência política e relações internacionais, arqueologia, antropologia e, inclusive, teologia. Ademais, desde 28 de março de 2017, o CNPQ-CAPES (Brasil) substituiu a área Teologia por Ciências da Religião e Teologia, com oito subáreas inter-relacionadas: Epistemologia das Ciências da Religião; Teologia fundamental-sistemática; Ciências empíricas da religião; História das teologias e religiões; Ciência da Religião aplicada; Teologia prática; Ciências da linguagem religiosa; Tradições e escrituras sagradas. Do ponto de vista epistemológico considera-se que uma pesquisa foi feita sob perspectiva interpretativa teológica quando analisamos experiências de sagrado a partir do entendimento de quem confessa determinada crença/fé e/ou revelação divina.

Enfim, mesmo tendo grande admiração por Augusto Cury, mas já tendo lido no ano de 2006 os cinco livros de não ficção da coleção Análise da Inteligência de Cristo, do mesmo autor, comecei a ler a obra presentemente resenhada sem grandes expectativas. Tive uma deliciosa surpresa! Que romance maravilhoso! É um daqueles livros que a gente começa a ler e não quer mais parar. A releitura foi melhor ainda. Como dizemos aqui no Nordeste do Brasil: Pense num livro “arretado”!

